

## MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: DELITO, FAMÍLIA, SISTEMA PRISIONAL

SILVA, Ana Luiza de Araújo da<sup>1</sup>  
TIELLET, Maria do Horto Salles<sup>2</sup>

**Resumo** - O presente artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa *Cadeia feminina do município de Cáceres/MT*: delito, reinserção, educação, família e sistema prisional e busca compreender a relação que as mulheres privadas de liberdade estabelecem no encarceramento sobre o crime que praticaram e a punição, o discernimento delas sobre família, delito e sistema prisional e o que esses temas destacam sobre a educação. Deste modo, elencamos a pergunta para responder: qual a percepção que as mulheres privadas de liberdade na cadeia feminina de Cáceres têm sobre a família, o sistema prisional e a educação? A metodologia da pesquisa em pauta se apresenta como descritiva, do tipo Estudo de Caso, e de abordagem qualitativa. As informações foram coletadas através de fontes documentais e entrevista estruturada com cinco mulheres privadas de liberdade. O referencial teórico se sustenta em autores como Coyle (2002); Lima (1983); Pires (1985) dentre outros. A pesquisa corrobora, apesar dos constantes esforços e de denúncias, com a necessidade de maior investimento no sistema prisional através de parcerias entre o Estado, a sociedade e o poder judiciário, para que a reinserção possa acontecer.

**Palavras-chave:** Educação; Mulheres privadas de liberdade; Sistema prisional; Família.

### Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa *Cadeia feminina do município de Cáceres/MT*: delito, reinserção, educação, família e sistema prisional, realizada com mulheres encarceradas na cadeia pública feminina de Cáceres-MT. Anterior à realização da pesquisa foi feito levantamento de estudos desenvolvidos na academia sobre o tema mulheres encarceradas. Utilizou-se o banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses sem filtro de tempo, o levantamento sobre o descritor mulheres encarceradas totalizou 171 trabalhos, sendo 134 dissertações e 37 teses, no período de 2010 a 2018, obteve-se, com filtro, 134 produções sendo 104 dissertações e 30 teses. Constatou-se que o número de trabalhos sobre o tema é razoável, apresentam focos e áreas de pesquisa diversificadas. Utilizou-se conectivo e juntando o

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Pedagoga pela Unemat. Funcionária pública lotada na Secretaria de Estado de Segurança Pública - Agente Penitenciário, Cáceres, MT, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3749-3019>. Email: [analuzarafaela@hotmail.com](mailto:analuzarafaela@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora sênior do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1794-7271>. Email: [mariadohorto\\_tiellet@yahoo.com.br](mailto:mariadohorto_tiellet@yahoo.com.br).

descriptor mulheres encarceradas e o descritor educação – mulheres encarceradas e educação totalizam, no período de 2010 a 2018, 25 estudos, sendo 20 dissertações e 05 teses.

Verificou-se que no Estado de Mato Grosso há duas produções (dissertações) desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso e um estudo de pós-doutorado sobre o tema mulheres encarceradas, assim, o levantamento dá ao estudo em pauta relevância no contexto do Estado de Mato Grosso.

O objetivo da pesquisa desenvolvida foi compreender a relação que as mulheres privadas de liberdade estabelecem entre o encarceramento, cujo processo envolve os crimes que praticaram e a punição, e o discernimento delas sobre família, delito e sistema prisional. Deste modo, elencamos a pergunta sobre o problema: qual a percepção que as mulheres privadas de liberdade na cadeia feminina de Cáceres têm sobre a família, o sistema prisional e a educação?

A pesquisa se desenvolveu no município de Cáceres-MT, situado a sudoeste da Unidade da Federação (UF). A cidade de Cáceres, sede do município, está situada a 215 km da capital do Estado (Cuiabá), localizada nas coordenadas 16° 04' 14", latitude Sul, e 57° 40' 44", longitude Oeste. Tem uma população estimada em 94.376 habitantes, segundo dados do IBGE (2020). A cidade tem falta de postos de trabalho, seja no setor de comércio, indústria de serviços. O município enfrenta um clima de desolação econômica o que impacta a área de segurança pela localização geográfica da cidade, fronteira com a Bolívia.

A cidade de Cáceres, em 2006, instalou a cadeia pública feminina, em consequência do crescimento da população feminina condenada principalmente pelo tráfico de drogas. A Cadeia Pública Feminina de Cáceres é o local da pesquisa e se localiza na região central da cidade, nos fundos do Batalhão da Polícia Militar de Cáceres, ao lado do cemitério São João Batista, e tem capacidade de cinquenta e oito (58) internas.

A punição do delito, na maioria dos casos, é a prisão, que a princípio isola o indivíduo do espaço em que pode cometer delito. É possível pensar que é um espaço em que delitos podem ser aprendidos e qualificados, assim como planejar futuros delitos, uma vez que as pessoas estão confinadas e com tempo suficiente para trocar experiências e planejar ações.

Conforme Foucault (1983, p. 235), a prisão é um lugar que “torna possível, ou melhor, favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para as cumplicidades futuras”. Delitos podem ser aprendidos e qualificados quando pessoas são amontoadas em celas projetadas para 4 (quatro) e nelas estão encarceradas 10 (dez) por

diferentes graus de crimes, do roubo ao homicídio. Para Foucault (1987), a prisão também é um “aparelho para transformar os indivíduos”, servindo desde os primórdios como um “[...] suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos” (FOUCAULT, 1987, p. 196), para o bem ou para o mal.

Nessa perspectiva, as penas impostas devem determinar uma nova finalidade, pois não adianta apenas castigar o indivíduo, mas sim oportunizar condições para que possa refletir sobre suas ações (arrependimento), ser reintegrado à sociedade de maneira efetiva e digna, para isso o sistema penitenciário e as autoridades devem fazer cumprir as leis e garantir o estado de direito.

A criminalidade não tem uma perspectiva de gênero embora o contingente de homens privados de liberdade seja maior que o número de mulheres encarceradas. Nas últimas décadas, a sociedade brasileira acompanhou as transformações e o desenvolvimento como condição para o progresso feminino no meio social, explicado em parte por uma combinação de fatores econômicos e culturais que as mulheres vêm tendo longo do tempo.

A cada dia a mulher conquista a sua independência usufruindo de variadas formas, como a busca por novas modalidades de trabalho (formal ou informal), para, assim, solucionar o problema do desemprego que gera a exclusão social, a pobreza e o aumento da violência, fruto da extrema desigualdade social. Neste contexto cabe destacar o aumento da participação das mulheres no mundo do crime, em muito dos casos como coadjuvante. Quase sempre o envolvimento feminino no crime está ligado por laços de afetividade, complementação da renda em virtude da sua condição de desempregada.

Vivemos numa sociedade sexista, em que as mulheres estão em desvantagem no exercício do poder nas mais diferentes esferas sociais e é igualmente real a presença de mulheres em redes ilegais que atravessam o universo do tráfico de drogas, seja por conta da necessidade econômica de manutenção da vida, seja pelos micros poderes que estes lugares conferem a quem se associa. São poderes locais e particulares, invisíveis aos olhos de quem os enxergam por categorias muito rígidas e previamente formatadas. “As mulheres também desenvolvem suas estratégias de sobrevivências, resistência e subvertem os padrões de gênero e lugares esperados para elas nessas organizações.” (LOURO, 1997 apud CARVALHO, 2019, p.113).

As primeiras instituições penitenciárias adequadas para mulheres foram criadas em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1937, e nas cidades de São Paulo e Bangu no estado

de São Paulo, inauguradas em 1942. Essas três instituições foram “administradas pelas freiras da Congregação das Irmãs do Bom Pastor d’Angers, que tinham como finalidade a correção moral de mulheres. Assim, por ser o crime confundido com o pecado, a conversão tinha caráter de ressocialização.” (LOPES, 2017, p. 01).

Levando em conta que a mulher criminosa não era vista da mesma forma que o homem, alguns de seus crimes eram justificados como desvios psicológicos e morais, surgiu a missão de restaurar estas pessoas colocando-as em um espaço específico para fazer melhor este resgate.

No Brasil a prisão feminina foi criada no início dos anos 1940, no mesmo momento em que acontecia a reforma penal. Em 1941, surgiu em São Paulo o Presídio de Mulheres, junto ao Complexo do Carandiru, e que alguns anos depois tornou-se a Penitenciária Feminina da Capital. Em 1942, no Rio de Janeiro, é criada a Penitenciária das Mulheres, depois chamada Presídio Feminino Talavera Bruce. É neste período que ocorre pela primeira vez no país a separação de celas por sexo. (LIMA, 1983, p. 98).

Segundo Falcade; Asinelli-Luz (2016, p.25), “a elas é destinado o que sobra do sistema prisional masculino, portanto são duplamente discriminadas por serem aprisionadas e por serem mulheres”.

O envolvimento de mulheres cada vez maior na criminalidade necessita de uma reflexão: se está relacionado às estruturas de desigualdades sociais, haja vista que muitas dessas mulheres alegam se envolver no crime visando à sobrevivência familiar ou por razões afetivas. E independente das razões dessas mulheres, elas são consideradas pessoas desprezíveis. Nesta discussão, França (2013) afirma:

Ao mesmo tempo em que elas, ao adentrarem o caminho da criminalidade e da prisão, conseguindo entre seus pares um reconhecimento, são excluídas pelo resto da sociedade, que impõe regras, valores e condutas morais à vida dessas mulheres. Assim, são vistas como piores que os homens que cometem crimes, pois não seria da ‘natureza’ feminina, na qual a sociedade acredita e que foi legitimado pelos discursos científicos, o cometimento de crimes. (FRANÇA, 2013, p. 04 - 05).

A população de excluídos por um sistema econômico que não investe neste contingente populacional, vive das migalhas de políticas públicas que são paliativas e não alcançam a maioria de homens, mulheres e jovens (crianças e adolescentes). “Embora a criminalidade não possa ser explicada pelo aumento da pobreza, é certo que amplas camadas voltadas para o crime jamais utilizariam esta forma de sobrevivência, se a sociedade fornecesse oportunidades mínimas para seu sustento. (PIRES, 1985, p. 58).

Essa população de excluídos, quando chegam ao cárcere, amplia seus sofrimentos, pois encontram um Sistema Prisional que revela situações que demonstram a violação dos direitos humanos, especialmente com relação às mulheres.

As mulheres chegam ao cárcere fragilizadas, carregam, além da intolerância e a discriminação, também o estigma social, a herança histórica, cultural, religiosa do moralismo, construído nos séculos anteriores, fruto de uma sociedade machista e patriarcal e isso se manifesta inclusive dentro das unidades prisionais femininas.

Elas recebem poucas visitas de seus familiares ou são esquecidas, abandonadas, acabam tendo filhos sob a tutela de suas avós maternas ou paternas, cujos pais dessas crianças não assumem a criação, nem a educação dos mesmos, muitas crianças acabam indo para adoção. (SILVA, 2020). Outra situação de discriminação, em relação às mulheres privadas de liberdade, está relacionada ao direito à visita íntima que é dificultada. Soma-se ainda a situação das mulheres encarceradas que, diferente dos homens que tem a presença familiar em dias de visita, costumam receber poucas visitas, especialmente dos companheiros(as), em muitos casos a família as abandona. (SILVA, 2020).

Para a reintegração social é necessário que sejam desenvolvidas, dentro das prisões, atividades educacionais que tenham esse objetivo.

A atividade educacional não pode ser considerada como uma simples regalia concedida pela administração penitenciária, de forma extra e opcional. Ela deve ser considerada como um elemento principal e em todo seu conceito, isto é, ser capaz de oferecer aos indivíduos oportunidade de construção da existência através da reflexão sobre valores, promover outras aprendizagens. Essa perspectiva para alguém privado de liberdade possibilita também aproveitar melhor o tempo em que permanece na prisão e dá chance de reconstrução da identidade, resgatando a cidadania perdida. A educação tem que oferecer habilidades e competências, a fim de que todas as pessoas que se encontram na prisão, independentemente do tempo, possam aprender a ler, escrever, fazer cálculos básicos que contribuam para sobreviver no mundo exterior. (COYLE, 2002 apud OHNESORGE, 2020, s/p).

É necessário desenvolver dentro das prisões projetos educacionais que trabalhem para a conscientização desses reclusos com o propósito de fazer com que as mulheres encarceradas possam perceber a realidade, pois, mesmo oriundas da miséria e, por consequência, não tiveram acesso a uma educação satisfatória ou a de nenhum tipo, possam ter uma formação crítica, pois mesmo não alfabetizadas, elas são cidadãs inseridas em uma sociedade que impõe regras, através das quais muitas são excluídas por não estarem aptas e dispostas a cumprir os padrões.

## Apresentação e sistematização dos dados

A metodologia da pesquisa em pauta se apresenta como descritiva, do tipo estudo de caso, e de abordagem qualitativa. A unidade prisional de Cáceres atende à população feminina, e abriga mulheres desta comarca e região, algumas são apreendidas na cidade de Cáceres, ou nas proximidades do município, e a maioria delas são naturais de outras cidades, algumas oriundas de outros Estados ou mesmo de país vizinho.

A coleta de informações foi realizada no mês de agosto de dois mil e dezenove, num total de quarenta e quatro (44) mulheres privadas de liberdade na Unidade Prisional Feminina de Cáceres, em situação de condenadas e na condição de provisórias. Apresenta-se a data da informação da coleta de dados, uma vez que o universo carcerário oscila diariamente.

As mulheres encarceradas têm em média entre 18 a 45 anos de idade, a maioria são mães solteiras, algumas têm companheiros também privados de liberdade. Muitas dessas mulheres declaram ser pardas e/ou negras, não possuem profissões ou mesmo trabalho, identificam-se como sendo do lar e possuem o ensino fundamental incompleto. São condenadas por tráfico de drogas, e a maioria é usuária de droga. Para compor a amostra da pesquisa excluíram-se as mulheres com residência fora do município, ou seja, a pesquisa contou apenas com mulheres de naturalidade e domiciliadas na cidade de Cáceres. Somou-se, ainda, como critério de seleção, as mulheres condenadas, incluindo as que prestam trabalho externo, têm filhos e antecedentes criminais (reincidentes).

A partir dos critérios estabelecidos, o total de mulheres selecionadas foi cinco (5). As mulheres tiveram a identidade preservada, utilizou-se de pares de letras maiúsculas aleatórias e números (ver quadro 1), para indicar a sequência das entrevistas: AK1; SM2; DA3; CM4; BA5.

**Quadro 1 - Perfil dos sujeitos da pesquisa (residentes em Cáceres e reincidentes no sistema).**

NOME	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	ANTECEDENTES CRIMINAIS	SITUAÇÃO
AK1	Convivente	Autônoma	Ensino médio	Sim	Condenada
SM2	Viúva	Operadora de Caixa, Cabeleireira	Ensino médio completo	Sim	Condenada
DA3	Convivente	Do lar	Ensino fundamental	Sim	Condenada
CM4	Convivente	Do lar	Ensino fundamental incompleto	Sim	Condenada

BA5	Solteira	Do lar	Ensino médio incompleto	Sim	Condenada
-----	----------	--------	-------------------------	-----	-----------

Fonte: Dados do mês de agosto/2019 coletados junto à direção da Cadeia Feminina de Cáceres. (SILVA, 2020).

As informações foram coletadas através de fonte documental e entrevista estruturada. A fonte documental se constituiu de documentos internos sobre o perfil das mulheres e as normativas relacionadas à organização da Unidade. Os dados pessoais das reclusas foram encontrados nas fichas de qualificação (pasta), digitalizadas, impressas e que, após confeccionadas, são arquivadas, juntamente com mandados de prisão, alvarás, laudos médicos e documentos pessoais. A ficha, logo que a reclusa chega à unidade, é preenchida com os seguintes dados pessoais: nome completo, número dos documentos pessoais, nome dos pais, endereço, naturalidade, estado civil, filhos, escolaridade, e outros como detalhes em seu corpo como tatuagens, cicatrizes, e também com dados referentes à saúde, vício, religião, se pertence a alguma facção, antecedentes criminais, dentre outras. E no que diz respeito às normativas internas da Unidade, existe um mural e uma pasta que contêm memorandos e ofícios encaminhados pelas Secretarias do Estado, juízes da comarca e direção da Unidade para que os servidores tenham ciência desses documentos.

A entrevista estruturada foi organizada em três eixos temáticos – Motivação, Família e Espaço Prisional. Ocorreu no ambiente interno da Unidade Prisional fora da cela, de modo que as mulheres ficassem mais à vontade, livres de qualquer coerção, intimidação ou pressão, sendo adotado por parte da pesquisadora cuidado/rigor/ética necessários para minimizar eventuais sinais de mal-estar, estresses ou exposição. A entrevista foi realizada em dia e hora agendado junto à direção da Unidade, com assinatura do Termo de Consentimento Esclarecido – TCLE assinado pelas mulheres selecionadas após explanação dos objetivos da pesquisa e antes do início da entrevista.

Os dados da pesquisa foram analisados pela técnica da análise de conteúdo. As respostas dadas para cada uma das questões formuladas foram decompostas em categorias ou unidades temáticas. A organização inicial dos dados ocorreu utilizando-se dos eixos temáticos.

### **Eixo temático — Delito (Motivação)**

O eixo se propõe a obter informações sobre a vida de cada mulher encarcerada, de que modo percebe o delito, o que motivou a cometer o delito, a reincidência e as dificuldades para se manter fora do crime. No eixo, após a transcrição das entrevistas, foi possível destacar como

unidade de registro: contexto familiar conflituoso; sustento familiar; papel da educação/escolarização (ver quadro 2).

**Quadro 2 - A Unidade de Registro (UR) e a Unidade de Contexto (UC) do eixo temático - Motivação do Delito.**

UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Contexto familiar Conflituoso/culpa do outro/e si mesmo	<p>[...] foi a <b>falta de apoio e estrutura familiar falta de um diálogo</b>, muitas vezes, uma família acha mais fácil dizer você não tem mais jeito, do que <b>dizer eu te amo</b>, eu quero seu melhor, então vamos por este caminho, quando alguém não tem a compreensão da própria família. <b>(SMA 2)</b></p> <p>[...] eu vim de uma <b>família desestruturada</b>, aonde desde nova eu tive como espelho o meu pai, que era na época bandido, mas hoje já se encontra falecido, <b>comecei a cometer pequenos furtos aos doze anos</b> e assim só fui evoluindo no mundo do crime. <b>(DAS 3)</b></p>
Sustento familiar	<p>A <b>falta de renda salarial, dificuldade no decorrer da vida, cheguei ao ponto de pensar até que poderia ganhar dinheiro fácil e rápido cometendo esse delito</b> [tráfico de drogas] <b>(AKP 1)</b></p> <p>Eu nunca fui do crime só estava no <b>momento desempregada e eu pretendo trabalhar honestamente para cuidar dos meus filhos.</b> <b>(BAL 5)</b></p>
Papel da educação/ Escolarização	<p>[...] tenho cinco filhos que me enche de orgulho por ter (sic) uma vida totalmente voltada para os estudos. [...] trazer cursos profissionalizantes, para todos presos saírem e ter uma área profissional para trabalhar honestamente, e estudos para todos, por que tudo pode ser roubado de nós! ... mas os estudos jamais ninguém poderá roubar ...nem ser tirado de ninguém. <b>(SMA 2).</b></p>

Fonte: Autoras (2020)

As principais causas (motivação) que levaram essas mulheres a cometer delitos foi, principalmente, a influência socioeconômica em que estão inseridas e a busca por oportunidades para complementação de renda, ou seja, o sustento da família, causas estas que ainda estão associadas ao baixo grau de escolaridade, à falta de qualificação profissional e, em alguns casos, à influência dos companheiros com quem estão se relacionando, e ao contexto familiar de violência.

É possível deduzir das falas das mulheres encarceradas que foi a necessidade de sobrevivência que as levou ao crime. Independente de colocarem a culpa em outro, em si mesma ou na família, o que está por trás são as condições de sobrevivência de si e de seus familiares.

O papel da educação para algumas é percebido através dos filhos(as) que se mantêm na escola, apesar das vicissitudes da família no momento; as mulheres encarceradas mencionam a necessidade de cursos profissionalizantes para continuar estudando na prisão, ocupando o tempo, para quando cumprirem a pena ter condições de se manterem e cuidarem da família.

Constatou-se que muitas querem, ao saírem da prisão, buscar novas oportunidades para um novo recomeço, mas reincidem por não encontrarem na sociedade o apoio necessário para a reinserção.

Scariot (2013) identificou que:

O abandono da escola por parte das alunas foi desencadeado por fatores familiares e econômicos, pois os pais apresentavam condições financeiras desfavoráveis e, ainda, a crença de que as filhas não deveriam estudar. Gravidez precoce, envolvimento com amigos ou com drogas ilícitas também constituíram fatores de abandono e a culminância na prisão. Já o retorno à escola em ambiente prisional, para algumas alunas, representa a possibilidade de preencher o tempo ocioso, de aprender coisas novas, recuperar o tempo perdido ou distrair a mente; entretanto, as estrangeiras buscam o espaço escolar para aprender uma segunda língua. (SCARIOT, 2013, p. 8).

Ramos (2012) sugere que a escola nas Unidades Prisionais desenvolva metodologias novas “de alfabetização, inserindo as práticas sociais da leitura e da escrita, notadamente a linguagem jurídica, temática que envolve os direitos humanos e as políticas sociais existentes, pois os sujeitos em privação de liberdade detêm pouco conhecimento sobre esse campo”. (RAMOS, 2012, p. 9).

“A educação formal assim como a não-formal são suportes imprescindíveis na elevação da estima, na inserção social e profissional das pessoas encarceradas.” (OLIVEIRA, 2010, p.6). Dessa forma, reconhece-se a grande importância da educação na vida intramuros, mas ela não pode resolver um problema que é inerente ao sistema. “O sistema penitenciário nada mais é do que um reflexo da sociedade capitalista que exclui o pobre, a mulher, o negro, o ex-presidiário, que de alguma forma ameaçam a propriedade privada, razão de ser do sistema econômico vigente no Brasil.” (SANTOS, 2017, p.6).

Para a maioria delas, a educação representa não só uma forma de remissão de pena, como também uma oportunidade para ficarem livre e longe do mundo da criminalidade, desejam retornar ao convívio familiar e têm esperança de encontrar no mercado de trabalho a oportunidade de mudar de vida.

### **Eixo temático — Espaço prisional**

O eixo Espaço Prisional obteve informações sobre o cotidiano das reclusas no interior da unidade prisional, o que fazem, como ocupam o tempo dentro da cadeia, como é a relação entre elas. Nesse eixo foi possível destacar como unidade de registro: o

cotidiano/relacionamento; atividades e o papel da educação/escolarização, organizados no quadro 3.

**Quadro 3 - A Unidade de Registro (UR) e a Unidade de Contexto (UC) do eixo Espaço Prisional.**

UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Cotidiano/ Relacionamento	<p>[...] os procedimentos são os mesmos, chega presas sai presas e assim raramente alguma novidade. <b>A convivência é bem sossegada, mas sempre tem aquela velha pedra no sapato só que a maioria das presas são calmas</b> (algumas). (AKP 1)</p> <p><b>Não é fácil conviver com pessoal com educação diferente, com cultura diferentes e que não faz parte de nossa família e muitas não tem amor ao próximo nem respeito.</b> (SMA 2)</p> <p>Meu dia a dia no começo não foi fácil mais agora aprendi a conviver melhor nesse lugar e minha convivência com minhas amigas de cela é muito boa, aprendi nesse lugar a saber conviver com todo mundo <b>o segredo do convívio com as presas e saber respeitar o espaço de todos nesse lugar</b> o respeito em primeiro lugar e também saber ser humilde. (CMA 4)</p>
Atividades	<p>[...] <b>Quando estou na cela converso com as demais que estão comigo, como, bebo e durmo, e para a remissão por enquanto estou na escola e no projeto reler.</b> (AKP 1)</p> <p>[...] <b>não e fácil você viver sem fazer nada só comendo e dormindo, isso não é vida.</b> (CMA 4)</p> <p><b>Passo mais tempo trancada, tenho duas horas de sol varia dia à tarde ou de manhã, as 07:00 horas levantamos para o confere, tem o café da manhã o horário de almoço e janta.</b> (BAL 5)</p>
Papel da educação/ escolarização	<p>Por ele está fazendo faculdade na Fapan de Direito, enfim o Roniel me deu até esperança, em também <b>sair e fazer uma faculdade do lado dele uma esperança que estava morta dentro de mim.</b> (SMA 2)</p> <p>Não, o estudo não é o melhor, pois não tem oportunidade de cursos profissionalizantes para o mercado de trabalho e <b>só te afasta da sociedade.</b> (BAL 5)</p> <p><b>Não, porque se tivesse essa possibilidade ninguém voltava para a prisão, na minha opinião cada qual se ressocializa por vontade própria.</b> (AKP 1)</p>

Fonte: SILVA (2020)

Sobre a percepção das mulheres entrevistadas sobre o cotidiano na cadeia e as atividades realizadas, relatam que mesmo com os transtornos do dia a dia, o ambiente é tranquilo na medida do possível. Afirmaram que há conflitos na convivência entre elas e não expuseram os conflitos com as agentes. Manifestaram a necessidade de tolerância e nesse sentido falaram da dificuldade de convivência no interior da unidade prisional, do respeito a culturas diferentes, uma vez que mulheres bolivianas também são encaminhadas para esta unidade.

Elas não negam a dificuldade de convívio, em ambiente confinado entre pessoas, quer pela personalidade – ter pessoas explosivas convivendo juntas, quer pela intolerância ou estresse pelo tempo de reclusão. Mediante as respostas, percebemos que algumas preferem ficar sozinhas, fazem poucas amizades, alegam ser muito difícil fazer amizade na cadeia e ter uma boa convivência com as demais reclusas. Acreditam que a cadeia lhes ensinou a conhecer melhor as pessoas, a respeitar e aprender a conviver, pois cada uma tem sua personalidade, e isso requer o respeito umas com as outras, a fim de que seja recíproco o respeito e a convivência seja pacífica. Relatam a falta de atividade, de ações que ocupem física e emocionalmente o tempo ocioso dentro da unidade. Elas têm consciência de que passam a maior parte do tempo dormindo, sem desenvolver uma atividade ou profissão.

Expressam que as unidades deveriam buscar parcerias para implementar cursos profissionalizantes, com o intuito de aprender e/ou fazer algo que as ajude a retomar suas vidas em relação à escolha de um serviço ou profissão ao deixarem a prisão, para não se tornarem vulneráveis e sem perspectiva de se manterem longe do crime. Nesse sentido, Zacarias (2006) ressalta que:

O trabalho é importante na conquista de valores morais e materiais, a instalação de cursos profissionalizantes possibilita a resolução de dois problemas, um cultural e outro profissional. Muda o cenário de que a grande maioria dos presos não possui formação e acabam por enveredar, por falta de opção, na criminalidade e facilitam a sua inserção no mercado de trabalho, uma vez cumprida a pena., (ZACARIAS, 2006, p. 16).

Elas acreditam que o oferecimento de cursos e oficinas dentro da unidade prisional seria de suma importância, pois poderiam ocupar o tempo ocioso com a escolarização e com uma profissionalização, visto que é um direito e obrigação do Estado possibilitar-lhes tais alternativas, para que ao deixarem a cadeia, possam buscar oportunidades no mercado de trabalho, de modo a diminuir a reincidência.

O acesso à educação, através da alfabetização, da instrução escolar e da formação técnica são os elementos mínimos e necessários para a reintegração de ex-detento (a) em sociedade, como uma segunda chance, uma nova oportunidade de retomar a vida com dignidade. A Unidade Prisional Feminina de Cáceres conta com a Escola Estadual “Nova Chance” e com alguns projetos. Essa escola pertence ao Sistema Prisional do Estado de Mato Grosso em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e a Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública, e foi criada em 2009, para atender aos(às) reeducandos (as) do Sistema

Prisional do Estado de Mato Grosso na modalidade EJA. A sala de aula na Unidade prisional Feminina de Cáceres comporta 20 mulheres que estudam de segunda a sexta-feira, no período matutino, cujas aulas são ministradas por três professores.

Através das fontes documentais, levantamos informações sobre os projetos desenvolvidos pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e por entidades governamentais e sociais em parceria.

O Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH), em parceria com a Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH), e com o curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), lançou o Projeto de Remição da Pena pela Leitura (RELER), desenvolvido com as reeducandas da Cadeia Pública Feminina de Cáceres. RELER é uma atividade educativa desenvolvida com as mulheres encarceradas com o objetivo de oferecer a remissão pela leitura, ou seja, as reclusas que frequentam o projeto têm diminuição da pena.

A Unidade ofereceu no ano de 2018 cursos em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), sendo um deles o curso de Corte, Costura e Modelagem e o curso de Alvenaria - Aplicador de Revestimento Cerâmica e Pintor de Obras. A qualificação contou com uma extensiva carga horária que ocorreu dentro da unidade. As reclusas que concluíram os cursos receberam os certificados de conclusão. Os dois cursos do SENAI foram realizados, com o intuito de qualificar as mulheres para que, ao saírem da prisão, possam ter uma profissão.

O projeto ELAS foi parte integrante do trabalho social, realizado pela equipe do CREAS, no Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI). Esse projeto teve como objetivo oportunizar espaços de expressão, troca de experiências, discussão e reflexão, visando à mudança de comportamento entre as relações afetivas, ao abordar o enfrentamento da violência contra a mulher.

A unidade segue uma rotina segundo as mulheres entrevistadas: levantam para o procedimento de conferência das reclusas, recebem o café da manhã, e nos demais horários as refeições e banho de sol momentos em que elas interagem com as outras que não são da sua própria cela. É o banho de sol, um dos momentos em que elas alegam ser de diversão, pois interagem uma com as outras, outro momento de interação é durante as aulas e nos projetos, afirmando que o dia mais feliz é o dia de visita da família, aos domingos.

As condições do Sistema Prisional afetam a todos, pois a sociedade recebe para o convívio os indivíduos que saem das prisões da mesma forma que entraram ou muitas vezes piores pois, a prisão ao invés de recuperar, acaba se transformando em uma escola para delinquentes. Assim, embora haja a Lei de Execução Penal (LEP) “a oferecer oportunidade reais que possibilitem a reinserção social após o cumprimento da pena ou medida” (FALCADE; ASINELLI-LUZ, 2016, p.29), as instituições não oferecem reais oportunidades. Nesse contexto cresce a necessidade de implementar e utilizar a adoção de políticas que efetivamente promovam a recuperação do detento no convívio social.

### Eixo temático — Família

O eixo Família pretende alcançar informações sobre o convívio familiar após a reclusão. Como ocorre a comunicação com seus familiares, quem as visita, a relação com seus filhos. O que pensam sobre o futuro deles. No eixo Família foi possível destacar como unidade de registro (UR): relação familiar; futuro dos filhos; projeção para o futuro. A UR e a UC estão organizadas no quadro 4.

**Quadro 4 - A Unidade de Registro (UR) e a Unidade de Contexto (UC) do eixo Família.**

UNIDADE DE REGISTRO (UR)	UNIDADE DE CONTEXTO (UC)
Relação familiar	<p><b>Antes era muito maravilhoso, sempre mantive eles perto de mim, e agora atualmente é só tristeza e saudades tanto da minha parte quanto deles também. (AKP 1)</b></p> <p>[...] o meu marido de vez em quando, e quatro vezes ao ano a minha mãe traz minha filha. (DAS 3)</p> <p>[...] a visita da minha mãe mais, é muito difícil ela vir aqui vem de seis em seis meses, mais não culpo ela porque quem escolheu esse destino foi eu por isso eu penso que ninguém tem obrigação de vir aqui me ver. Só <b>quando minha mãe vem eu fico muito feliz. (CMA 4)</b></p>
Futuro dos filhos	<p><b>Espero mudar de vida por eles, e assim ensina-los a viver com dignidade e com estudos acima de tudo para não cometer o mesmo erro que eu. (AKP 1)</b></p> <p><b>Quero ver eles todos formados na faculdade tendo uma vida totalmente diferente da minha e com estudo, sei que jamais vou ver eles em uma cadeia (SMA 2)</b></p> <p>Que não cometa o mesmo erro que cometi <b>desejo que o futuro deles seja diferente do meu, quero que tenham uma profissão</b> e não caiam nessa armadilha que eu cai. (CMA 4)</p> <p>Que estudem bastante, sejam muito dedicados aos estudos e busquem um bom futuro profissional, longe dessa cadeia, <b>estudar ter uma profissão um bom trabalho (BAL 5)</b></p>

Projeção para o futuro.	<p>Mudanças, de melhoria, retomar minhas atividades honestas e <b>aperfeiçoar com cursos para a minha profissão e atualizar de novidades pro mercado de trabalho. (AKP 1)</b></p> <p><b>Quero sair montar meu salão de cabeleireira fazer minha faculdade</b> e me afastar de todos que me leve a cometer crime e nunca mais sair de perto dos meus filhos. <b>(SMA2)</b></p> <p><b>[...]ter minha filha perto de mim e conquistar minha dignidade e respeito no meio da minha família e sociedade. (DAS3)</b></p>
-------------------------	--

Fonte: SILVA (2020)

Os dados da pesquisa nos demonstram ainda a forma e os vínculos que as mulheres estabelecem com seus familiares, assim como o próprio envolvimento com o crime. Constatase que a família é colocada como elemento motivador para o delito e como integradora, uma forma de enfrentamento da reclusão e perspectiva de afastamento do crime.

“A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família” (CHALITA, 2005, p. 18), no entanto, não cabe à família ser responsabilizada pelas escolhas de seus membros, quando algumas mulheres encarceradas expressaram, com lamentação, ao afirmarem que com as circunstâncias na unidade prisional apreenderam a valorizar a família, mas também as afastaram do convívio familiar, dos filhos e da liberdade, pois algumas já estão ali há mais de um ano.

Há fragilidade dos vínculos afetivos e da vida, de acordo com Maslow (1954) apud D’Ároz e Stoltz (2016), “em seus estudos descreve uma hierarquia de necessidades pelas quais a família pode vir a passar, e que não necessariamente a pobreza é a sua maior causa, mas a degradação dos vínculos afetivos e sociais”. (MASLOW, 1954 apud D’ÁROZ; STOLTZ, 2016, p. 145). Os autores ainda afirmam que, “estando a família vulnerável nas necessidades mais básicas, certamente estará vulnerável nas mais complexas. Da complexidade de causas, a sobrecarga de papéis assumidos e de violência experimentadas por elas expõe uma face perversa da condição feminina.” (MASLOW apud D’ÁROZ; STOLTZ, 2016, p. 145).

Muitas enfrentam a dificuldade do afastamento da família, a carência afetiva, interiorizam a solidão e experimentam a tristeza e a desesperança. Mas, é a família que lhes dá esperança, especialmente os filhos, pelos quais são capazes de cometer crime e se afastar dele.

Relatos nos mostram que algumas reclusas valorizam mais a família hoje do que antes, pensam em voltar a estudar motivadas pelos filhos, reintegrar-se à sociedade; dizem que aprenderam muito na prisão, visto que a cadeia é lugar de se aprender coisas boas e ruins, incluindo a valorização da família. A família é um dos principais grupos sociais considerados referência no contexto prisional. Elas sentem a distância do convívio familiar – pouca presença

ou presença constante determinam e influenciam o humor no interior da prisão. Muitas reclusas ficam fragilizadas com a falta da presença da família, algumas acabam adoecendo nas unidades, chegam a fazer acompanhamento psicológico, em outros casos, acabam sendo influenciadas negativamente pelas colegas.

A presença da família, em muitos casos, poderá contribuir com as expectativas dessas reclusas para se manterem fora da criminalidade, assim a família deve agir positivamente na busca de delimitar bases fortalecedoras e norteadoras a fim de auxiliar as reclusas a obterem um bom comportamento e, conseqüentemente, a aquisição de benefícios que lhes ajudarão na progressão da pena.

A família constitui-se em um importante elo com o mundo exterior, sendo concretizado através das visitas semanais, ou apenas que seja por correspondências, pois é através das cartas destinadas a elas, que ficam sabendo como estão seus filhos e seus entes queridos, em alguns casos até sobre andamento de seus processos.

As correspondências acabam tranquilizando e amenizando a falta da família e mantêm as reclusas informadas, pois o fato de estarem presas provocou mudanças drásticas nas relações familiares, em especial com seus filhos, que passaram a ser criados por parentes. Constatou-se que a maioria das detentas entrevistadas tem consciência das dificuldades que sua família enfrenta com sua ausência. O futuro dos filhos, fora da sua proteção, as deixa angustiadas, inseguras, e até mesmo em pânico e iradas. Projetam sempre o melhor e não querem que seus filhos cometam o mesmo erro que elas, receiam que possam ser tentados a trilhar o mesmo caminho. O futuro que idealizam, que desenham para seus filhos, tem por base a educação, o processo de escolarização que não tiveram ou interromperam e que sentiram falta quando da escolha do caminho a ser traçado.

Ainda apostam que o estudo, a formação profissional possa proteger seus filhos. Sonham com futuro melhor para seus filhos e para si, mas tem receio de como serão recebidas pela sociedade, se serão excluídas do convívio social, e em alguns casos por membros da própria família. Projetam estudar junto com os filhos, ter uma profissão, um emprego que possa sustentar seus familiares ou mesmo ajudar no sustento dos mesmos. Anseiam mudar de vida para seu bem e de sua família.

Pareceu-nos terem elas consciência das dificuldades que enfrentaram e, desta forma, têm se preparado para o retorno ao convívio junto a sociedade e a familiares, de modo a não decepcionarem a si mesmas e as pessoas que se preocupam com elas.

Por serem reincidentes, é possível que, a percepção das mesmas sobre as questões relacionadas ao cotidiano do sistema prisional, a família e a relação com a educação estejam amadurecidas como também compartilhadas entre elas.

### **Considerações Finais**

A temática em pauta exige cuidado e, principalmente, respeito com aquelas/aqueles que se encontram encarcerados. Entender as histórias de cada um e dar-lhes voz pode auxiliar na condução de políticas e de atitudes para com aquelas/aqueles que, na maioria cometeram delitos e crimes de menor gravidade, ou por estarem entre elas/eles inocentes, talvez, que estejam vivendo injustiça e/ou descaso da justiça, se considerarmos os dados do Monitor da Violência (G1, 2019) de que, no ano de 2019, o percentual de provisórios (estão presos, mas não foram julgados) ficou maior e como consequência aumentou a superlotação no sistema carcerário.

A pesquisa desenvolvida na Unidade Prisional Feminina de Cáceres se propôs a dar visibilidade às mulheres, ao garantir suas vozes sobre educação, família e sistema prisional. Tais manifestações foram estruturadas na seguinte pergunta: Qual a percepção que as mulheres privadas de liberdade na cadeia feminina de Cáceres têm sobre a família, o delito, o sistema prisional, a ressocialização e a educação? No intuito de buscar respostas à nossa inquietação, no decorrer do estudo e nas entrevistas, que a relação que fazem entre o delito, a família e a educação, visto que a baixa escolaridade da população carcerária feminina é consequência de uma família que também interrompeu os estudos por um conjunto de fatores, o que nos remeteu a pensar sobre o papel da educação no sistema prisional e a sua efetividade no processo de ressocialização.

Perceberam que a educação é importante para o futuro delas e da família(filhos) e que o seu afastamento da escola teve uma contribuição para o delito.

O delito praticado pelas mulheres entrevistadas constitui-se como resultante de um processo de exclusão. Conseguem relacioná-lo às condições socioeconômicas precárias vividas por elas e suas famílias, a falta de emprego e renda, o fato de não terem escolaridade necessária, além de conflitos existentes no seio familiar e a fragilidade dos vínculos afetivos. Cada uma se constitui e expressa um aspecto que mais impactou a sua vida.

No conjunto, as mulheres entrevistadas relataram uma vida material precária e instável associada a fatores que dificultam e impedem a superação: baixa ou nenhuma escolaridade e/ou vinculação a ocupações com pouca qualificação, com desdobramentos na renda familiar que

não supre as necessidades básicas dos filhos. A vulnerabilidade em que se encontravam frente a essa situação, o envolvimento com parceiros que lhes impuseram dependência econômica e emocional, levando-as ao delito.

O estudo apontou uma forte ligação entre as entrevistas em relação à importância da família no processo de ressocialização. É no retorno junto aos seus entes queridos, a volta para casa, rever a família, especialmente seus filhos, constituem a razão de suportarem o encarceramento. Se, por um lado, as mulheres manifestam-se deprimidas pela falta ou escassez das visitas, é a família um dos pontos de apoio que as afasta da criminalidade ao citar seus filhos e, que representa, ao mesmo tempo, o motivo de preocupação e a fonte de desequilíbrio emocional.

O encarceramento deu uma reviravolta no sentido da família das mulheres, isto é, dão a ela uma importância especialmente por serem mães. Desejam um futuro melhor para si e para seus filhos. Muitas expressam o termo família ao referirem a si e aos filhos. Projetam uma família harmoniosa, uma vida com menos violência, menos sofrimento, mais afetos, sonhos, qualidade de vida e oportunidades, de modo que as dificuldades vivenciadas pelos pais e avós não se repitam com seus filhos. As mães encarceradas canalizam o sofrimento do afastamento de seus filhos, na esperança de reassumir a atenção e o afeto deles ao retornarem para casa. Apostam que essa família futura idealizada depende indiretamente da escolarização, daí porque reconhecem a importância da educação.

E quanto ao sistema prisional, a percepção das mulheres não revelou muito, houve um cuidado ao tratar da questão, apontaram que há conflitos entre elas, mas não mencionaram os conflitos delas com os agentes. Não trataram das condições estruturais da Unidade Prisional nem expressam se a LEP está sendo respeitada. Pontuaram questões referentes à educação, mas não falaram do processo educacional na Unidade, nem das condições da sala de aula.

As mulheres entrevistadas acreditam que, mediante a educação e os projetos profissionais, terão oportunidades no mercado de trabalho, pois será este o pilar para um novo recomeço. Acreditam que conseguirão melhores oportunidades de trabalho e inserção social após o cumprimento de sua pena e, por isso, reivindicam projetos profissionalizantes e sociais com o objetivo de remissão.

A Unidade Prisional Feminina de Cáceres apresenta e tem executado, frente as dificuldades financeiras, estruturais e burocráticas, as determinações da LEP e dos inúmeros instrumentos normativos que consagram o direito dos apenados. Estabelece parcerias com

diferentes estabelecimentos, empresas e a universidade visando à educação, à profissionalização e à remissão da pena com o objetivo de ressocializar, ampliar as possibilidades da não reincidência. As atividades desenvolvidas estão diretamente relacionadas à realização da cidadania e ao exercício da autonomia, entretanto, essas atividades são esporádicas, não se constituem em programa com objetivos específicos de remissão, reabilitação, ressocialização, reeducação e reinserção social

A pesquisa corrobora, apesar dos constantes esforços e de denúncias, de que se faz necessário maior investimento no sistema prisional através de parcerias entre o Estado, a sociedade e o poder judiciário, para que a reinserção possa acontecer, tendo por base a qualificação dos que trabalham nas instituições prisionais e a implantação de um processo educativo que ultrapasse modelos tradicionais de escolarização, capacitação profissional e humanização (abordagem de construção de convivências sociais) como instrumento transformador na vida dessas mulheres.

### **FREEDOMED WOMEN: CRIME, FAMILY, PRISON SYSTEM**

**Abstract** - This article presents the partial result of the research Female chain in the municipality of Cáceres / MT: crime, reinsertion, education, family and prison system and seeks to understand the relationship that women deprived of liberty establish in the incarceration on the crime they have committed and punishment, their discernment about family, crime and the prison system and what these themes highlight about education. Thus, we list the question to answer: what is the perception that women deprived of liberty in the female chain of Cáceres have about the family, the prison system and education? The research methodology in question is presented as descriptive, of the Case Study type, and of a qualitative approach. The information was collected through documentary sources and a structured interview with five women deprived of their liberty. The theoretical framework is supported by authors such as Coyle (2002); Lima (1983); Pires (1985) among others. The research corroborates, despite constant efforts and complaints, with the need for greater investment in the prison system through partnerships between the State, society and the judiciary, so that reintegration can happen.

**Key words:** Education; Women deprived of their liberty; Prison system; Family.

### **Referências**

CHALITA, Gabriel. Lugar de família é na escola. In: **Revista Aprende Brasil**. Ano 2, nº 3, fev. de 2005.

COYLE, Andrew. **Administração penitenciária: uma abordagem de direitos humanos**, 2002.

D'ÁROZ Marlene Schussler; STOLTZ, Tania. Quando da fraqueza se faz força narrativa de histórias de vida de mulheres-mães com filhos institucionalizados. In: FALCADE, Ires Aparecida. (Org.). **Mulheres Invisíveis: por entre muros e grades**, 2016, p.140-161.

FALCADE, Inez Aparecida; ASINELLI-LUZ, Araci. Discriminação de gênero no sistema penitenciário: implicações vividas. In **Mulheres Invisíveis: por entre muros e grades**, 2016

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva. Ciências da cognição. Florianópolis: Insular. 1987.

FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira. Criminalidade e Violência: a inserção da mulher no mundo do crime. In: **Anais do XVII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e III Encontro de Iniciação à Docência** – Universidade do Vale do Paraíba, 2013. Acesso em: 13 ago. 2019.

**G1**. Monitor da Violência: assassinatos caem em 2019, mas letalidade policial aumenta; nº de presos provisórios volta a crescer, **Retrospectiva 2019**, 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/retrospectiva/2019/noticia/2019/12/16/monitor-da-violencia-assassinatos-caem-em-2019-mas-letalidade-policial-aumenta-no-de-presos-provisorios-volta-a-crescer.ghtml>> Acesso em: 15 dez. 2019.

IBGE. Cidades e Estados. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/caceres.html>> Acesso em: 03 mar. 2020

LIMA, Elça Mendonça. **Origens da prisão feminina no Rio de Janeiro: o período das Freiras (1942-1955)**. OAB/RJ, Rio de Janeiro, 1983.

LOPES, Vitória Régia. Os problemas do cárcere feminino no Brasil e seus reflexos na essência feminina. 2017 Disponível em: <[www.direitonet.com.br/artigos/exibir/10084/Os-problemas-do-carcere-feminino-no-Brasil-e-seus-reflexos-na-essencia-feminina](http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/10084/Os-problemas-do-carcere-feminino-no-Brasil-e-seus-reflexos-na-essencia-feminina)> Acesso em: 03 jul. 2018

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. In: **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 37-56.

OHNESORGE, Rui. A educação no sistema penitenciário, e sua importância na ressocialização  
Monografia Brasil Escola. Disponível em:  
<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/a-educacao-no-sistema-penitenciario-sua-importancia-na-ressocializacao.htm>> Acesso em: 11 jan. 2020.

OLIVEIRA, Maria Júlia Silva de. **A mulher presa, sonhos e frustrações: a escola no sistema carcerário**. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2010.

PIRES, C. **A violência no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1985.

RAMOS, Rowayne Soares. **Educação de jovens e adultos no contexto do Centro de Ressocialização em Cuiabá-MT**: práticas de leitura, escrita e letramento. 2012. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2012.

SANTOS, Ivanete Aparecida da Silva. **Direitos humanos e educação escolar prisional**: um estudo de caso na Penitenciária Estadual de Cruzeiro do Oeste. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

SCARIOT, Luciana Ferreira da Silva Moraes. **Práticas de leitura, escrita e letramento na penitenciária feminina em Cuiabá - MT**: a visão da professora e suas alunas. 2013. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2013.

SILVA, Ana Luiza de Araújo da. **Cadeia feminina do município de Cáceres/MT: o delito, a reinserção, a educação, a família e o sistema prisional**. 2020. 102 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, Cáceres, 2020.

ZACARIAS, André Eduardo de Carvalho. **Execução penal comentada**. 2 ed. São Paulo: Tend Ler, 2006.

Recebido em 13/07/2020

Aprovado em 18/09/2020